

O ACADÊMICO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES
ANO II — Nº 13 — AGOSTO DE 1976 — BLUMENAU — S. C. — Cr\$ 1,00



Música:

MILTON NASCIMENTO

(Página 4)

1º CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS

(Página 12)

IIIº ENCONTRO DE AUTORES
CATARINENSES

(Página 11)

LITERATURA:
CADERNO ESPECIAL

(Página 5)

CORRESPONDÊNCIA

(Página 2)

Cultura:

NEM SÓ DE TRAÇAS
VIVEM OS LIVROS
(Página 11)

Teatro

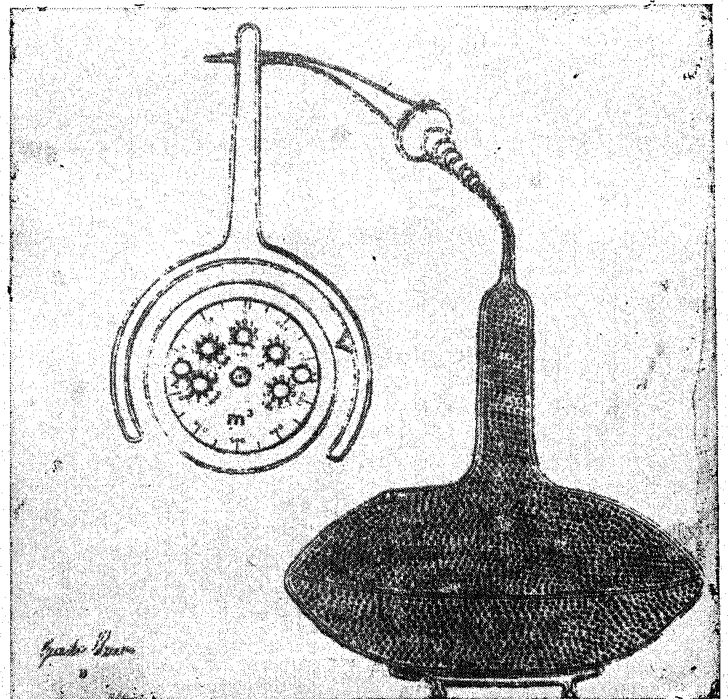
PLÍNIO MARCOS
& O SUBMUNDO
DAS CATIMBAS
(Página 10)

Sociologia:

HIPPIE: UM GOSTO
PRIMITIVO
(Página 3)

NA PRÓXIMA EDIÇÃO:

HOLDEMAR DE MENEZES
ARTÊMIO ZANON



(Cortesia de GUIDO HEUER)

DIVULGANDO O AUTOR CATARINENSE

Correspondência

CRICIUMA

Tomamos conhecimento de Vossa publicação, e consideramo-la de muita importância para nossa Fundação. Por tal motivo, desejamos saber se é possível recebe-la em caráter de doação, já que nosso orçamento não nos permite uma assinatura...

Sem mais, subscrevemo-nos com protestos de elevada estima e consideração.

AMPARO GOUZY — (Biblioteca Central da Fundação Educacional de Criciúma)

— Pois não, Amparo. O ACADEMICO nasceu prá divulgar boas coisas, a qualquer custo. Você pede pouco...

FLORIANÓPOLIS

Alô pessoal!

Gostaria de abraçar o dinâmico pessoal de O ACADEMICO pelo belo trabalho que vêm realizando em prol da cultura catarinense. Grato pela promessa dos jornais. Continuem firmes. Abraços.

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

— Caro Emanuel. Congratulamo-nos com você pela iniciativa que teve, você e sua turma, preparando para setembro esta surpresa "DESTERRO — JORNAL CATARINENSE DE CULTURA". Estamos coligindo matérias que deverão aparecer por aí.

FLORIANÓPOLIS

Oldemar,

Venho recebendo O ACADEMICO. Recebendo e lendo e curtiendo, como, por exemplo, o seu depoimento sobre a finada ACE. Hoje, agora mesmo, recebi o nr. 12. Meus parabéns pela sua luta, bem como pelo esforço de seus colegas.

O meu melhor abraço.

HOLDEMAR O. DE MENÊSES

— Gratos pelos livros "A COLEIRA DE PEGGY" e "Kafka — O OUTRO". Contamos com você. Conte sempre conosco.

ILHA DE SANTA CATARINA

Caro redator,

Tenho recebido O ACADEMICO regularmente, e, com muita satisfação observo a intensa colaboração de jovens universitários que escrevem para o jornal. Aí está o começo de um trabalho produtivo no campo da literatura. Acredito que o movimento liderado anteriormente pelos poetas do Grupo Zen, Vilson Nascimento, Bráulio Schloegel e outros, possa estender-se, sob outra forma, através d'O ACADEMICO, cujas páginas são um eficiente meio de divulgação.

OSMAR PISANI

— Pisani, sempre nos sentiremos honrados com a sua participação.

JOINVILLE

Prezado amigo e senhor,

Recebi ontem o ACADEMICO nr. 12. Muito grato pela retificação do meu nome como colaborador do jornal. O artigo sobre o autor catarinense desconhecido merece aplausos.

HANS BACHL

Hans, esperamos com curiosidade o lançamento de seu próximo livro.

CHAPECÓ

Marcos Antônio Bedin — Acuso recebimento de sua carta. Logo que puder responderei pessoalmente. Aguarde. (Oldemar).

A Vez De Blumenau

A cada nova exposição de artistas catarinenses, o Centro de Arte amplia a exemplificação das diversas técnicas de criação artística. Se o numeroso grupo de Florianópolis (25 artistas) se limitou a apresentar desenho e pintura, já o conjunto de Joinville (20 representantes) trouxe xilogravura e escultura em granito, embora a predominância fosse o desenho.

Blumenau surpreende com a variedade de pesquisa, abordando tanto pintura e desenho (impressionista, surrealista), como a escultura em metal, talhas em madeira, gravura em metal e cerâmica. Isto confere aos blumenauenses uma dimensão maior em termos de curiosidade e informações artísticas.

Na apresentação dos artistas joinvillenses tivemos a ocasião de escrever: "Para nós é uma alegria este trabalho de descoberta de valores, desconhecidos para nós em face da quase nenhuma divulgação fora das fronteiras de Santa Catarina". A verdade dessa afirmação de desconhecimento por falta de divulgação, nos chega em forma de carta. O crítico Walmir Ayala, Coordenador do Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos, tendo recebido o catálogo da mostra de Joinville, solicitou ao Centro de Arte material biográfico e fotográfico dos artistas com nomes iniciados pelas letras de Q a Z. Acrescenta o crítico: "Os outros já deveriam ter sido incluídos em volumes anteriores, dois já publicados e um em fase de impressão". Felizmente, chegamos a tempo de salvar alguns poucos do anonimato cultural catarinense.

Falta-nos agora a revisão de valores isolados, existentes em outras cidades. Depois partiremos para a divulgação do talento barriga-verde em outros Estados da União, contando, naturalmente, com a colaboração de órgãos esclarecidos, como a Secretaria de Cultura de Joinville e a Casa do Artista de Blumenau.

HARRY LAUS

Setembro, 1976

EXPEDIENTE

FUNDADORES — Oldemar Olsen Jr.
Maria Odete O. Olsen
Fred Richter
Domingos Sávio Nunes
Jose Luiz Dias de Souza

DIRETOR E REDATOR RESPONSÁVEL

Oldemar Olsen Jr.
REDATORES — Maria Odete O. Olsen, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, Jaime Monney Kempinsk, Afonso Pabst Neto, Sérgio André Zanin, Carlos Alberto Ramos Schmidt, Roberto Diniz Saut, Sílvio Borges de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos Eduardo de O. Bastos.
COLABORADORES — Hans Bachl, José Roberto Rodrigues, Wilson Lang, Reni Becker Filho, Inês Mafra, Luiz, Carlos Aduato Vieira, Abel A. de Souza, Pedro Grisa, Enéas Athanázio, Moacyr Gomes de Oliveira.

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21 HP-22 e HP-25

ARTIGOS PARA DESENHO E
TOPOGRAFIA

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS

E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296 —

Blumenau — Santa Catarina



- EDITORIAL -

Universidade: "Um governo para pequenos governados".

Falta de imaginação, de consciência dos problemas básicos, falta de percepção, falta de administração, falta de ensino. É óbvio que há muita incompetência espalhada pelas faculdades. É óbvio que a situação não irá melhorar enquanto uns poucos medíocres espertos tiverem lugar especial na administração e na docência das nossas universidades.

É necessário que os estudantes tenham participação na administração das Universidades e, que a mesma esteja diretamente ligada à fiscalização que os mesmos possam exercer sobre as atividades dos professores, dos colegas e da sua administração em geral. Isolar-se seria como criar um Cristo sem o mal, sem a presença do mal.

Dai, por não estarem comprometidos com as tradições e com os obstáculos impostos pelo sistema político vigente — entenda-se aqui a política vista exclusivamente na esfera local — os estudantes revelam-se capazes de dinamizar e vitalizar os órgãos decisórios de suas escolas. As críticas que têm feito ao ensino universitário revelam grande perspicácia na análise da política educacional do País e da política que orienta os seus cursos.

E a pedagogia, sobre a qual repousam a organização e a orientação de nosso ensino superior, reflete os valores de uma fração privilegiada da sociedade e visa a incutir no estudante o conformismo e a submissão, alienando-o do processo de transformação dessa sociedade. Baseia-se na idéia, superada e inaceitável pelos educadores modernos, de que o aluno é um ser imaturo e por isso incapaz de participar das decisões dos órgãos que dirigem as escolas.

Ora, a maturidade não é um estado acabado ou apenas um fim a atingir.

"É uma maneira de estar no mundo, de existir no mundo". O eixo da educação vigente passa pelo "adulto". Convém lembrar que os "adultos" são investidos de autoridade não porque constituem modelos de virtude. Os mestres são considerados os responsáveis pelo ensino. A eles se reserva o exercício exclusivo da autoridade. Durante toda a vida escolar, em todos os níveis do ensino, o estudante é marginalizado.

As decisões que o atingem são tomadas à sua revelia, às vezes até contra ele. As escolas recorrem a mecanismos de sustentação de uma falsa autoridade, de um sistema pedagógico falho.

Neste sistema, o estudante é situado como um ser irresponsável, que deve limitar-se a cumprir obrigações escolares. Tal pedagogia só tem sentido se se pretende formar indivíduos para "servirem" cegamente a um regime autocrático, absoluto.

Se os estudantes constituem o centro da educação, se devem ser tão responsáveis quanto seus mestres, no processo educacional, é preciso que participem, com estes, dos problemas das suas escolas. É preciso torná-los, estes problemas, assimiláveis, existentes, sem meio termos "não mais como uma verdade difusa, mas como manifestação de um espírito vivo, por assim dizer, assassinado".

Hippie: um gosto primitivo

Hoje em dia, ser hippie, é um gosto primitivo de entregar o corpo a um dia de sol. O nome desse dia pouco importa, que a semana pode ser toda ela um domingo.

É adotar uma nova moral, especialmente na área das relações entre os sexos. Este é um dos aspectos mais desconcertantes da chamada "revolução hippie" em sua procura pelo reino da liberdade, porque combina, dentro de uma estranha alquimia, pureza e devassidão.

Os hippies retomaram as teses, já seculares, do amor livre, para enriquece-las, pelo menos é o que eles dizem, numa prática fundada na valorização da personalidade de cada um, sem preconceitos nem ambições de posse individual, aliás, ao que me parece, condição necessária para a plenitude a que aspiram.

Numa tentativa de encontrar um novo estilo de vida, à margem das formas de conduta ditadas pela sociedade da técnica, do "consumo" e da "neurose em massa", como negação do convencional, da ordem estabelecida, os hippies já sabem o que não querem, mas, por outro lado, na busca de saídas criadoras ou descoberta de uma "iluminação", ainda não sabem para onde vão. Ser hippie é talvez perseguir a um só tempo a naturalidade, a extravagância e o êxtase.

Usando suas roupas amarrotadas, gastas, coloridas, ensaiam uma subversão dos significados habituais das coisas, como alguém que toma uma palavra qualquer para designar algo inteiramente diferente do que ela exprime para os outros. Para que? "Por que não", seria sua resposta. As vezes isso soa profundo, mas pode ser simplesmente estúpido. Seja como for, a discussão nem interessaria ao hippie que se alheia do mundo, por meio das drogas, pois é "livre", para mergulhar dentro de si em busca de aventuras ingênuas. E, se nada encontrar, terá bastado o transe, que ele usufrui como um momento de liberdade.

O que pode, efetivamente, ser bonito, mas é um faz-de-conta por vezes trágico. Fazendo da inocência seu ponto de partida, usando a música como forças rituais no caminho da transformação individual e coletiva, esses jovens simulam uma realidade para erigir seus sonhos. E daí? De fantasias o mundo já está cheio.

(FRED RICHTER)

REVISTA

FICÇÃO

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 625

— Pinheiros — 05.416 —

São Paulo

S. P.

USE E ABUSE!



PROBST
serviço de entregas

Comprar no Probst é uma tranquilidade. Além das vantagens nos preços e qualidade dos artigos, Probst cuida do resto, levando todo o material adquirido até a porta de sua casa ou local de construção. Use e abuse de mais este serviço do Probst. Probst ... agora também com o Credi-IPESC.

PROBST
BLUMENAU - ITAJAI

MILTON NASCIMENTO

MÚSICA... SEMPRE MAL ENTENDIDA!

O Bom Negro Calado

O que vai daqui prá frente, pode já ser desatualizado em termos de coisa dita, mas para os menos avisados ainda é coisa para ser escrita e por isso, procurando sentir alguma coisa das letras por ele cantadas somadas as coisas que se sente quando se vê a cara dele nos vídeos, procurei traçar um perfil (auxiliada pelas Veja, Bondinho e Opinião) desse mineiro letrado, negro instrumentista calado, enfim, um negro mineiro parido caído nessas coisas de contestação, que fecha o olho quando canta ou talvez quando diz:

olha / a volta do rio / virou a vida / a água da fonte / nosa tristeza / o sol no horizonte / uma ferida; ou talvez os arregale quando acrescenta: Agora não pergunto mais prá onde vai a estrada / agora não espero mais aquela madrugada / vai ser vai ser vai ter de ser vai ser faça amolada / o bilho cego da paixão e fé faça amolada.

Então, como você percebe, o garoto no foco é da pesada. É contestador — contestador, claro, não tem outra palavra para definir melhor; e depois aqui no Brasil é aquelas coisas quando o cara nasce com manhas de renovação, que canta alguma dor que sente ou que sente alguma mensagem que deve ser dita, que acontece em algum festival — é contestador. Acontece que com o Milton a contestação só se realiza totalmente quando a letra e música se aliam, como ele mesmo define “quando começo a cantar, a música fica de repente como estava no momento em que a compus: indefinida. Interpretando, vou dando alguma forma, compondo de novo”. E somente assim, porque ler as suas letras é se deparar com uma sequência de palavras simples que seguem um curso suave, bonito, maneiro. Que não fazem retrato de cara recalcado. “O que tenho a dizer está nas minhas letras”.

E lendo as diversas reportagens sobre a sua pessoa, surge sem muito esforço o retrato dos bastidores da concorrência voraz que circunda e boicota os caras que nascem com valor. E ainda mais, retrata nitidamente essa “fraternidade nossa toda tropical”, esse “clima de irmãos — o irmão baiano, o irmão gaúcho, os nossos irmãos pernambucanos” — quando ele se explica, “em Tres Pontas (Minas), eu não podia ver nada, não ia nada prá lá. O máximo que eu podia fazer era ouvir rádio. Por causa do problema de cor, eu não podia entrar no clube...” Por isso é com razão que agora afamado ele diga sabe, eu não faço fé / nessa minha loucura / e digo / eu não gosto de quem me arruína em pedaços / e Deus é quem sabe de ti / e eu não mereço um beijo partido / hoje não passa de um dia perdido no tempo / e fico / longe de tudo que sei / não se fala mais nisso, eu sei / eu serei prá você / o que não me importa saber / hoje não passa de um vaso quebrado no peito / e grito / olha o beijo partido / onde estará a rainha / que a lucidez escondeu / escondeu /

Mas o acidente ali de cima foi na adolescência antes de terminar o curso de contador e sair de casa com 15 contos no bolso. Por que daí ele começou a crescer. Começou por Belo Horizonte onde entrou em contato com músicos de jazz e viu que o seu negócio era tocar contrabaixo. Então começou a fazer concertos, shows, sempre em faculdades. — Essa parte me faz lembrar da consciência universitária, que ainda não me ficou definida e não sei se é amor ao folclore esse apoio que se dá para os que estão surgindo, ou atração pelo exotismo, mas até aqui ve-se cada coisa... outro dia na Filosofia no curso das biológicas (não cito o nome por não valer a pena) um carinha sobressaiu-se, convidando outros carinhos para ir para Florianópolis para pedir nota para um “negro”, não é chocante?

Mas continuou a crescer. Ficou tres anos em Belo Horizonte quando foi prá São Paulo cantar música de Baden Powell e do Lula Freire e recebeu o 4º lugar e daí as coisas começaram a se somar, estava crescendo demais. “Eu sei que mostrava música para todo mundo, todo mundo gostava, mas ninguém fazia nada. A única pessoa que gravou foi a Elis, “Canção do Sal”... , trabalhando o sal / pra ver a mulher se vestir / e ao chegar em casa / encontrar a família a sorrir / filho vir da escola / problema maior de estudar / que é pra não ter meu trabalho / e vida de gente levar /

“Não quero ser vedete, só quero ser o que sou: músico. A música é a minha linguagem. Faço o possível para dizer as coisas, e acho que todo mundo deve saber das verdades, embora eu veja que o medo é muito mais frequente que a curiosidade. Não quero ser absorvido pelo folclore. Por isso de vez em quando eu dou uma sumida... Estou aberto pra quem estiver pra mim, mas só quero verdade e beleza em tudo, porque de falta de caráter, de pobreza de espírito eu estou cheio de cicatrizes, estou cansado. Sou um cara triste, e isso não depende de mim, é só ver como andam as coisas, pra não conseguir sair por aí dando risada.

... Uma coisa que me magoa é que fique praticamente dois anos sozinho aqui no Brasil trabalhando, enquanto todo mundo estava fora, dizendo que não tinha condição de trabalhar aqui. Eu e o Som Imaginário aguentamos a barra, levamos muito ferro, mas saímos por aí e abrimos as portas para muitas coisas. Agora todo mundo volta, acha tudo lindo e nem toca no nosso nome. Aqui não existe músicos? O negócio é só a pessoa descer do seu pedestalzinho, que acha logo”.

Mas agora Milton Nascimento está quase um gigante, está quase virando patrimônio nacional e por isso pode acrescentar, “as pessoas aceitam o negro do jeito que ele é, dependendo da fama. Agora eu noto muito isso, porque parei de ir à televisão, e esqueceram a minha cara. Quando me vêm com meu cabelo e minhas roupas, só falta jogarem pedras. Isso no Rio... faço uma idéia do resto... , somente o que não quero mesmo, é olhar para trás, depois de tudo, e começar a ver as coisas que eu não fiz”.

M.O.O.O.

Suavidade,
leveza,
alegria,
liberdade,
e beleza...

MALHAS HERING
Ihe asseguraram tudo
isso
com muito amor.

malhas
Hering

Revista Anúncio

CENTRO DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Rua Duque de Caxias, 287 — Cx. P. 1148 - 90.000
Porto Alegre — R. G. S.

CADERNO ESPECIAL

AS MEHORES MATÉRIAS

Esta sanidade maluca

As palavras, ocas,
e gritantes os gestos.
A vontade, guiada,
e dos outros a ideia.
Os objetivos, avessos,
E murchos os louros.
O amor, verdadeiro,
com adjetivos opostos,
com objetivos pastosos,
com aditivos falsários.

Ah! Como me ajudavam minhas lentes!
Não sei mais ver a liberdade
das calças azuis e desbotadas,
das cadernetas de poupança,
das bicicletas com amor,
das outras e outras e outras
que nem sei mais...
Céus! Sou um cego, um doente, um cansado!
Que sorte!
Viva a minha velhice!
Viva a minha burrice!
Viva o obtuso de mim!

Culpa e inocência,
ingenuidade e safadeza,
história e memória,
hombridade e vileza,
plenitude e vazio;
tudo perfilado na azeda continência
da ordem unida mundial nacional local.
Estamos todos cheios,
satisfartos,
gordos,
estourando de vazio.

(domingos sávio nunes)

O POÇO

Posso estar no fundo
do poço,
imóvel, rotundo,
sem passo.
Contrapondo ao gesto
do fecho
o olhar manifesto
e mexo
minhas negras asas.
No ruflo
inúteis mãos rasas
insuflo.

Estou dentro do
meu poço
e concentro no
meu passo
o plume momento.
Consumo
no meu sofrimento
o fumo
dessa solidão.
A voz
se fecha na mão,
após.

Inútil me agito
no nada.
Meu corpo exercito
chegada
a hora da soltura.
Disponho
o corpo em postura
sem sonho
enquanto preparo
o ruflo.
No momento raro
me insuflo.

Estou dentro do
meu poço;
concentro-me no
que posso.

ARTEMIO ZANON

O Acadêmico: Prêmio Parker de Jornalismo

ESTORIAS CURTAS

VANTAGENS E PERIGOS DO DRIVE-IN

Carlos Adauto Vieira

O automóvel, maior fonte de neuroses do nosso século, gerou a necessidade do drive-in, lugar aonde se vai, em geral bem acompanhado, para comer, comer, beber, ver filmes, assistir à peças teatrais e corridas de submarino.

As vantagens do drive-in estão em que não se precisa sair de carro para realizar todos os atos acima mencionados, havendo discretos servidores (garçons, garçonetes, sorveteiros), para atender aos mais exigentes paladares e gostos.

O cidadão paga uma determinada taxa, estaciona seu automóvel e fica comodamente fazendo uma daquelas coisas acima mencionadas.

Mas nem tudo são vantagens no drive-in.

Neste que inauguraram em uma das nossas mais badaladas praias tivemos a prova dos perigos que correm os frequentadores do drive-in.

Numa destas noites em que o filme era um desses clássicos de cinema, capaz de atrair multidões, o drive-in se encheu com um número de carros dos expectadores. A sessão se iniciou normalmente, o pessoal dentro dos seus carros sendo atendido em seus mínimos desejos, o filme se desenrolando numa sequência de cenas maravilhosas, todos satisfeitos, os que viam e os que não prestavam atenção as cenas, mais interessadas das suaves companhias, quando o alto-falante da tela substituiu a voz dos autores pela voz mais ou menos nervosa do gerente do drive-in a dizer:

— Senhoras e senhores está aqui fora um marido armado e desesperado querendo entrar para ver se pega em flagrante a sua mulher. A direção do estabelecimento, tentando evitar uma cena de sangue, vai apagar as luzes e pedir que o casal procurado, imediatamente abandone o recinto.

O marido era um destes cidadãos que fica na base do vai e vêm isto é, deixa a família na praia de segunda a sexta feira a noite, voltando à cidade para trabalhar, só retornando no fim da semana. Por razões, que não vem ao caso discutir, este marido voltou na quinta-feira, inteirando-se do que ocorria na sua ausência. Justamente irado, armou-se e foi procurar a esposa infiel no drive-in por insinuações de sua empregada. Lá, armou um escândalo à porta. Porém, os responsáveis pelo estabelecimento o contiveram, evitando um escândalo sangrento que lhes poderia prejudicar o bom negócio. Daí terem dado o aviso de alerta, na esperança de que o casal procurado desaparecesse a tempo.

Quando as luzes se ascenderam, haviam desaparecido treze automóveis.

POEMA

(Bráulio M. Schloegel)

Inventei uns domingos
Para exercitar meus pensamentos
porque os dias normais não
comportam a minha
fantasia.
Fui buscar a bola perdida e a
raqueta
a sineta e a flauta
o apito e o primeiro sonho
fui encontrar o primeiro amigo
o primeiro beijo
a primeira poesia.

NECRÓPSIA

(OLDEMAR OLSEN, JR.)

Deitado inerte nesta mesa fria,
Marmórea, está um corpo humano
Sujo, de um esbranquiçado mundano
Prestando-se bem para a necrologia.

Vestido de branco e muito nervoso
Penetro neste antro cadavérico,
E assim perpetuo o hemisférico
Ritual de ver neste ser pavoroso

Minha própria imagem refletida;
Eu, o grande explorador, o médico
Com os conhecimentos de um épico
Cortando esta carne apodrecida.

Vejo paralisado subitamente
O elan que o bisturi impelia
E, a luz na víscera que se mexia
Despertou a consciência doente

Do abutre, num eterno desconforto
De procurar na fétida matéria
As origens de toda a miséria
Que envolve tudo o quanto é morto.

Juntei, então, com uma pinça de aço,
Consciente do meu papel incontestes,
Com a perícia de um grande mestre
Uma esponja sanguínea do baço.

Fitei languidamente o endocorpo
Que minhas mãos içavam, perversas, ao ar
Expirei tudo com um medo de danar
E saiu somente água daquele trapo.

Seguem ainda flutuando dos nichos
Nestes movimentos de ondas cadentes
Entre sangue e curvas bamboleantes
O exército virulento dos bichos.

Marcham e marcham sobre o hemisfério
Da abóboda craniana exposta,
Lampejos de bom senso como resposta
Há romaria sacra no cemitério.

E eu sinto toda esta exegese
Em cada corte na matéria vibrátil
Da consciência de um grande réptil
Até a antropometria de minha tese:

De que toda extirpação cirúrgica
Requer mais de um perito e, destarte
Para entender a esculápias arte
E' viável uma constância litúrgica.

Antes que neste ócio te atogues,
busque nas indagações de um crítico,
com repugnância de um sífilítico
As ruas nidorasas, pobres dos morgues...

Então verás sem os triviais arrogues
Uma dezena infinda de números
Contando cabeças, braços e úmeros
Na matemática besta dos açougues.

Não quero extragar a cena lúbrica
De forma efêmera e ridícula,
Prefiro desguarnecer a película
grossa da última ferida cúprica...

E ainda me sentir feliz por vê-los
Jejuando capros com té e descrença
Na asoese ridícula desta doença,
Mostrando os sonhos de meus pesadelos.

Você Escreve ... E Nós Publicamos ...

PASSEIO DE ANDREI

(Roberto Diniz Saut)

No anoitecer da caída do sol Andrei pensou no de se apromptar. Amarrado que resolvera de ficar em casa no dia, resolveu se passar e se respingar pra rua numa roupa escu-
Levantou-se da cama. Deu bocejo porcalhão e na vontade cuspiu pra janela. Péssimo! Acertou a vidraça, errou o buraco. Soltou um merda e se relaxou pro banheiro. Baixou a proteção e largou os intestinos na liberdade de quinze minutos na queima de um cigarro. Baixou tudo e se lavou em ducha quente. Ficou na barba. Arrancou do cofre familiar uns poucos mil mangos e arredou pé. Era mais um na rua. Poucos postes. Poucas luzes. Pouca gente. Quase deserto. Cachorros e gatos giravam na caça. Carros se acomodavam. E Andrei caminhava. Vistou o céu e viu nuvens, nem estrelas se mostravam. Pensou na chuva. Não queria ela enchendo paciência. Pensou na lua, Ficava tudo melhor sem lua. E Andrei caminhava. Pra onde? Pro bar d'esquina? Pro baile das loiras chupadas? Pro papo de vagabundas nas garrafas e músicas? Andrei nem ligava perguntas. Não importava cumprimentos. Andava, la sem rumo, la no tempo. No som de sapo na pedra. Dobrou a primeira quadra e se arrastou pro centro da cidade no mais de um pouco de movimento, até velhos no quando da vez se exibiam de bengala. No meio da rua, plantado piscando estava o poste do trânsito. Quando deu vermelho pra pedestre ele passou. Teve sorte de não ter carro. Noutro lado assobiou e esbugalhou olhos pro que viu. Uma gata parindo debaixo do poste central. Gemia a desgraçada. Andrei se acocorou. Olhou. Viu. Nasceram dois, três, quatro, cinco, nossa, gatarada mais doida. Andrei viu, olhou, e gritou pro vento (não tinha vento), pro sol (não tinha sol), pra muita gente (todos passavam, não tinha gente)... vidas, gritou vida! Os bichinhos se cuspiram da barriga e miaram pra Andrei. Gatinharam obscuros pro homem parado, olhando, rindo, no contentamento. Andrei foi se botando na conversa com a gatona corajosa: — tá, velha, que tu é boa, de raça. Cá este será médico. Este guarda de trânsito. Aquele, é, tem cara de fiscal, ca este, que nada, é gata, será tua imitação... de todos. E este piralho vai ser cantor nacional. A gata se torcia nos ditos de Andrei. Os cinco nasceram com pai. Lambeu os filhos e lambeu Andrei. No poste a luz era branca, nos olhos dos bichos tudo tinha luz. E Andrei tinha festa. De repente, se danou na loucura. Pecou todos e correu pra registrar. Rechado. Mas como? Só amanhã? Não pode! Amanhã é sábado! Só na segunda! Andrei se arrepiou. Pensou. Se resolveu. Acendeu fósforo. Entrou na janela. Pegou livros. Queimou as pessoas e registrou os gatos. Todos tiveram seus nomes. A gata se arredou do lugar, na procura de novos meses. Andrei ensinou aos pedulados o latim e a fei.

Então que na madrugada dessa mesma noite, em baixo do poste representaram Catilina. Catilina acabou sendo Andrei: Acusado. E os gatos foram aprendendo o diálogo, foram acusando. E, na situação do conhecimento foram crescendo com vulto das palavras até que no de repente cresceram no rápido do gigantesco e iam avançando em direção Andrei. Eles eram cinco. Andrei não entendeu. Eles avançavam. Andrei se ia de costas. Eles olhavam e andavam. Andrei teve medo. Eles iam. Andrei parou, eles não pararam. Andrei correu, eles correram. Andrei assustou, eles assustaram. Andrei n'ânsia do auge no desespero se lembrou do outro lado da rua. Atravessar a rua, uma solução. Eles teriam de aguardar o sinal verde. Agora! O sinal é vermelho. Os gatos pararam no olho do sinal. Andrei aproveitou... correu. Businaram. Freíram, Andrei gritou... era tarde. O momento parou no tempo. O sinal voltou rápido no verde. Os gatos atravessaram a rua e caminharam para o desconhecido. Muitos sinais mudaram nos coloridos e Andrei os olhava.

Janer Cristaldo reúne matéria para antologia

Assim Escrevem os Gaúchos. Sob este título, Janer Cristaldo, cronista da "Folha da Manhã" e contista gaúcho, vem clamando, em sua coluna, a que contistas publicados e inéditos do Rio Grande do Sul enviem-lhe seus trabalhos para uma antologia que está organizando para uma editora de São Paulo, a "Alfa-Omega".

Esta editora, que até agora vinha se dedicando à publicação de ensaios de autores nacionais, decidiu recentemente investir no campo da ficção.

Seu projeto é publicar antologias como Assim escrevem os cariocas, Assim escrevem os paulistas, Assim escrevem os nortistas, e assim por diante.

Emanuel Medeiros Vieira foi sugerido para a compilação de Assim escrevem catarinenses e paranaenses.

Cristaldo, em sua antologia, aberta a todos os estilos e tendências, pensa que o critério deve ser representatividade. Assim, em ambos os volumes, editados e inéditos, as mais diferentes manifestações do conto gaúcho estarão presentes.

E diz: há muita gente escrevendo. Alguns tem algo a dizer, outros estão escrevendo em direção ao inútil. Não me parece que isto seja tipicamente gaúcho, é fenômeno que ocorre em toda a parte. Mas acho que há muita gente que tem muita coisa a dizer e nem cogita em escrever. Se, na compilação dos inéditos, surgirem trabalhos destes escritores enrustidos, me sentirei gratificado. No caso dos editados, estão convidados a participar tanto a "velha guarda" da literatura gaúcha, como também os novos. Para efeitos de trabalho, considero autor editado, o que tem livro próprio editado.

Quanto a seleção dos contos para a antologia de Assim escrevem os Gaúchos, pretende-se, se houver espaço, incluir dois contos de cada um, tendo o livro no máximo de 220 páginas. Caso contrário, apenas um. Isto quanto aos editados. Já em relação aos inéditos, espera-se reunir primeiramente todos os trabalhos recebidos, para a seguir proceder a seleção e o número de contos a publicar.

Aos participantes da antologia caberá direitos autorais de 10 por cento sobre o preço da capa.

A editora Alfa-Omega, uma vez completado esse levantamento do conto nacional sob a forma de antologias visto acima, selecionará trabalhos para um volume Assim escrevem os Brasileiros, que, conforme a mesma, será editado também na Argentina, pela Orion.

1º CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS DA UDESC

I — DAS INSCRIÇÕES

deverão ser solicitadas e endereçadas à Comissão Julgadora do I Concurso de peças teatrais da UDESC e encaminhadas até o dia 15 de outubro do corrente ano aos seguintes locais:

— Curso de Educação Artística

Praça Getúlio Vargas, 15

CEP. 88.000 — Florianópolis — SC.

Telefones — 22-4085 — 22-9635.

— Diretório Acadêmico 8 de maio

Faculdade de Educação — FAED

Rua Saldanha Marinho, 47

CEP. 88.000 — Florianópolis — S.C.

II — DAS CONDIÇÕES

Poderão concorrer todos os estudantes universitários, regularmente matriculados em Escolas de Nível Superior em Santa Catarina, cujas peças sejam rigorosamente inéditas.

c/ os textos, no máximo 2 (dois), poderão ser de co-autoria, permitindo o máximo de 2 (dois) escritores.

Os textos, deverão ser encaminhados em 6 (seis) vias.

Estarem sob pseudônimo e acompanhadas de sobre carta identificadora, fechada, em cujo exterior (envelope) se ache repetido o pseudônimo do concorrente, e no interior, além do papel contendo o nome verdadeiro e o endereço do concorrente, as fotocópias autenticadas dos seguintes documentos: carteira de identidade e atestado de matrícula fornecido pela Instituição de Ensino a que estiver vinculado.

O resultado do trabalho da Comissão Julgadora será publicado no dia 25.11.76.

Premios — 1º — 3.000,00

2º — 2.000,00

3º — 1.000,00.

Participe!

ANDRÉ GIDE: Os Frutos da Terra e Os Novos Frutos

"Camarada, não aceites a vida tal qual a propõem os homens. Não cesses de te persuadir que ela poderia ser mais bela, a vida; a tua e a dos outros homens; não uma outra, futura, que lhes consolasse desta e nos ajudasse a aceitar sua miséria. Não aceites. Quando começares a compreender que o responsável por todos os males da vida não é Deus, que os responsáveis são os homens, não te conformarás mais com esses males.

Não sacrifiques aos ídolos".

Transcrevo o essencial para não me alongar demais; pois em se tratando de André Gide — só tenho motivos para continuar a pensar naquilo que o poeta escreveu — nada mais agradável do que nos deixarmos enlevar pela magia, inefável testemunho duma sublime inspiração artística, de palavras transbordando numa floreação dádívosa e nobre e que formam uma das obras, porventura a quintessência expressiva de uma arte profundamente cromática, subjetiva e lírica, ao mesmo tempo audaz, livre e sensual... "Sem dúvida sim, conheci o amor. Fiz-me vadio para poder roçar tudo o que vadia: tomei-me de ternura por tudo o que não sabe a que se aquecer, e amei apaixonadamente tudo o que vagabundeia"... colimando, no equilíbrio absoluto entre forma e conteúdo, a comunicação ideal da verdadeira poesia, que, repito, forma uma das obras mais embriagadoras já escritas.

Uma embriaguez que merece ser vivida. Nem que seja só por alguns instantes. ... "E adquiri assim o hábito de "separar" cada instante de minha vida para uma totalidade de alegria, isolada; para nele concentrar subitamente toda uma particularidade de felicidade; de modo que não mais me reconhecia a partir da mais recente recordação.

Eis em suma tudo o que ressalta, transparentemente, desta obra de André Gide, o qual, ao final de Os Frutos da Terra nos diz o seguinte:

"Joga fora meu livro; convence-te de que não te oferece senão uma das atitudes possíveis em face da vida. Procura a tua. O que um outro poderia fazer tão bem quanto tu mesmo, não o faças. O que um outro poderia dizer tão bem quanto tu mesmo, não o digas — e o que poderia escrever como tu, não o escrevas. Só te apegues em ti ao que sintas que não se encontra alhures senão em ti, e cria em ti, impaciente e pacientemente, ah! o mais insubstituível dos seres".

(F. R.)

VOLTAIRE

Este poeta filósofo, este apóstolo da humanidade, honra da Arte Real, soube embelezar a eterna verdade que um DEUS existe, com os encantos de uma poesia digna dele:

L'homme adore em tous lieux un maitre, un juge, un pére;
Ce dogme consolant, l'homme este necessaire;
C'est le sacré lieu de la société,
Le premier fondement da la sainte equité,
Le frein du scelerat, l'esperance du juste,
Si les cieux, depouilles de leur empreite auguste,
Pouvaient cesser jamais de le manifester,
Si Dieu n'existait pas il fraudrait. l'inventer.

Tradução:

O homem adora um Mestre em todo (espaço), um juiz, um pai,
Este dogma consolatório, é necessário para o homem,
Este é a sagrada lei da sociedade,
O primeiro fundamento da santa equidade,
O freio do criminoso, a esperança do justo.
Se os ceus lhe roubam esta imagem de Magnificência,
É possível de parar e nunca mais se manifestar,
Se Deus não existisse ele devia inventá-lo.

(HANS BACHL — Joinville)

Cogumelo Atômico

Um jornal para
RAROS

Caixa Postal 179

88.350 — BRUSQUE — SANTA CATARINA

MENSAGEM

Teu rosto pálido ante o espelho,
Tua imagem no espelho te olha
Tímida, pura, simples.

Teus olhos tristes e pensativos,
Teu pensamento no espelho,
Tua conversação.

Tua voz sumida,
Tua imagem no espelho,
Ouve tua imaginação.

Tens tanto que pensar,
Tens tanto que conhecer,
Tens tanta vida!...

Teu rosto triste e sumido,
Tua imagem — pensamento no espelho,
Sim-ples conversação a tua imaginação,
Simples, tão simples é tua vida...

4/6/75

ANA MARIA BACCA

PORTO SEGURO

(para Zininha)

Vozes empoeiradas
imagens desgastadas
(velhos ídolos
velhas canções)
Amores
(ARQUIVE-SE)

Há novas consciências
novos medos
novas realidades
e uma
mecânica
ou
organismo cósmico
que me rodeiam
e penetram no
coração
(PORTO SEGURO).

Carlos Werner Martins

"TODO DESERTO É BELO, PORQUE ESCONDE UM POÇO, NALGUM LUGAR".

(A. Saint-Exupéry)

—)*—

Em silêncio este pânico...

*

Em silêncio este tempo emagado,
Se ergue dentro de mim,
Flor de pânico
Correndo nas palmas das mãos,
Entre o aceno e a ternura
destruída...

Odir/76 (Florianópolis)

—)*—

Silêncio em mim,
Por esta tentativa,
Que se perde,
Pelo o que vai ser,
Pelo o que deixou de ser,
Pelo o que nunca foi,
Silêncio em mim,
Prá esquecer do mundo...

Odir/76 (Florianópolis)

—)*—

Koisce's

(TITOVILE II)

O COMPUTAMENTO

O Computador da FURB chegou (ou parte dele). Mas levou tanta pancada e safanão para sair da embalagem e chegar até sua sala, que provavelmente teremos um centro de estudos do Computador (exclusivo para este).

Deve estar todo embaralhado (coitado!).

Acho que ele não vai se "computá" muito bem.

CRÉDITO EDUCATIVO

Aos Heróis da FURB o crédito educativo de nada adiantará, porque alguns terão que começar a pagar antes mesmo de terminar o curso. Por que será?

FURBOTECA

Com a criação da loteca, holoteca, zooteca, brevemente teremos a furboteca. É só fazer o pagamento das mensalidades no devido prazo que, no final do semestre, o aluno concorre à uma aprovação total ou parcial, dependendo aí, em que se apostou no ato da matrícula.

PARQUE FLORESTAL

O CAMPUS Universitário da FURB já começa a movimentar os furbolinos, pois a turma de Topo II está fazendo "pic-nic" diariamente lá, assim, brevemente teremos o mais novo parque florestal do estado, somente que estão inclusos alguns espécimes raros, como a atração turística. Se continuarmos assim, logo logo o governo do Estado vai encurtar a distância até o Passo Manso, construindo uma via expressa Cidade — Passo Manso.

Observação: Os teodolitos da FURB — os únicos "ensinados" do mundo — (FURB — Passo Manso — poligonal do Campus — FURB) Todo dia? Todo dia?

CREDO

O vulgo Profeta foi profetizar em Recife, mas deve ter encontrado pouca crença por lá, pois que para cá retorna (espero que não tenha mudado de credo).

HERÓIS

O slogan da Iolanda (Eng. Química VIII): "fazer engenharia é uma correria!"

Essa é de um aluno da Civil (VIII semestre), aula de Mat. Construção I: O professor: — Coloca-se a amostra (pedra) dentro de um solução de 500g de Na₂SO₄ mais 1000 g de H₂O destilada e deixa-se em repouso durante 20 horas, depois pega-se a amostra e coloca-se na estufa à 105°C durante 4 horas, repetindo este processo mais 4 vezes...

Aí entra o aluno em cena: — Professor? a amostra quando colocada em estufa à 105°C está imersa na mesma solução de sulfato de sódio e água? ou a solução é outra?

Ó meu, prá que é que serve a estufa?

Mas o da Engenharia Química não deixam por menos: — Um aluno do VIII semestre numa aula prática de laboratório pesou um cadinho cheio de amostra, e, depois pesou o mesmo cadinho vazio. O cadinho vazio pesou mais. (Levitação?).

CONCORRÊNCIA PÚBLICA

A Cantina Universitária está abrindo concorrência pública aos possíveis fornecedores de conta-gotas.

Para que será?

Sim, e como é que nós poderemos servir o cafezinho?

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES 2º FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO - 2º FUC.

Prezado Colega

Comunicamo-lhe a relação das composições classificadas para concorrer ao 2º FUC.

- 1 — VOU LEVANDO A VIDA
- 2 — PAPO FURADO
- 3 — APROXIMAÇÃO
- 4 — CORAÇÃO ABERTO
- 5 — CHOREI, CHOREI
- 6 — MENINA MULHER
- 7 — CABROCHA FACEIRA
- 8 — ACORDA MENINA
- 9 — VE QUE EMOÇÃO
- 10 — ESSAS COISAS DA VIDA
- 11 — NÃO VOU CHORAR
- 12 — POETA BRASILEIRO
- 13 — MEMÓRIAS DE UM PARDAL
- 14 — VIVA FELIZ
- 15 — AMIGO ENVENENADO
- 16 — FLOR PRESENÇA
- 17 — AVE CATIVA
- 18 — PARA SEMPRE
- 19 — VIOLA VIOLEIRO
- 20 — QUE SONHO
- 21 — ANDRÉIA
- 22 — UM DIA
- 23 — PÉS NO CHÃO
- 24 — VOU COMPOR MEU ESTADO
- 25 — VENTO
- 26 — VOCÊ E O MAR
- 27 — SALA DE VISITAS
- 28 — TELEFONISTA
- 29 — PESCADORES
- 30 — BALADA DA VIDA

As 15 (quinze) primeiras músicas relacionadas, serão, apresentadas no dia 09 (quinta-feira) com ensaios na parte da manhã e da tarde.

As demais composições serão apresentadas dia 10 (sexta-feira) com ensaios no mesmo dia.

Estarão a disposição uma orquestra, um conjunto jovem, um coral e um arranjador

Os participantes serão recepcionados na sede do D.C.E. a partir do dia 08, sendo-lhes garantido alojamento. O Restaurante Universitário (R.U.) fornecerá alimentação à preço universitário.

JORNAL ABERTURA

— CULTURAL —

C. P. 12-193 — ZC - 07 — 20.000
Rio de Janeiro — (R. J.)

TOPOGRAFIA

PAVIMENTAÇÃO

Hayashi & Cia. Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL

TERRAPLENAGEM

Rua Bahia, 1957 — Caixa Postal, 703 — Fone, 22-0635

BLUMENAU

SANTA CATARINA



APIS

Projetos: Arquitetônicos
Elétricos
Hidro-sanitários.

Venha "criar" conosco.
Rua XV de Novembro 1464
— Fundos — Blumenau.

O Submundo das Catimbas & Plínio Marcos ou Histórias das Quebradas do Mundaréu

Ele se diz o reporter das gentes simples. Dos que ficaram como resto e marginalizados não encontraram (e também nunca lhes foi proposto), um lugar dentro da escala de classificação das classes sociais.

Você poderia cogitar em colocá-los entre os pobres; mas, o pobre ainda é gente, ainda se vibra, ainda se deprime, ainda se entrega a sonhos; se vende e se compra nas ilusões.

Mas estes, como ratos ou porcos, como traças talvez, se rolam e se ralam pela existência que é um cotidiano parido em lutas cruentas e desiludidas para escapar. Sempre escapar e fugir. Por isso são gloriosos — porque são sujos, insensíveis e marginais. E essa é a única consciência que lhes resta. E se orgulham. Por isso não fazem muita questão de mudar pois a sua força consiste nesse temor e por isso se preferem pivetes ou piranhas. E sempre para o melhor pivete ou para a melhor piranha e nos repiniques do eu gostava de ver tu dos olegários dos bira morféticos ao pegar se rasgar até cair sob o peso das gronças arrumadas.

O Plínio se diz o reporter dessa gente mas a sua marca de ator não o abandona por isso. Porque o ator pela necessidade profissional de metamorfosear-se não escapa de um dia ser rato, porco ou traça; pelo menos os bons. E este, pelo menos age como se o fosse.

Dos bandidos as histórias começam assim... Veio da piorada e ainda conseguiu se atolar mais. Nunca havia sido o mais forte, nem o mais sabido, nem o mais bonito. Por isso se aparelhou. Seu negócio era fazer maldade. A bronca que ele tinha das pessoas era muito grande...

E como bom rato, como bom porco, e muito boa traça o digno escritor começa os traços que à medida da sua sequência vão-se tornando reais. E de tão precisos e crus o sentimento que leva a gente a se inspirar não é de piedade, de tornar-se em ajuda ou de até em desespero de causa fazer assistência social; não, se você se tem na escala dos normais, o que ele faz você sentir, é medo das noites dos morros das periferias. É nojo e repulsa por esses cancos abençoados pela paz de oxalá.

Dáí descamba e inicia outro esquinapo desfibrado cheio de badulaques mas que continua de fininho um outro perereco; fazendo as palavras mais parecerem mirados carochos braseados para os trazeiros desfuçados dos leitores metidos em copas; assim por essas e por outras, sempre há quem combine um assalto. E aparecem os bons bandidos que não falam em armas, como o Pé de Bicho que não gostava de sujeira, para quem tudo era finura sem escarcéu, sem nada. Não perdem às histórias de futebol — como a do Zé Carlos, um criolinho comum um craque sem glória. Um cara que podia ter feito e acontecido, mas que deu crepe e acabou falando sozinho, se batendo contra os postes, escorando as rebordosas da vida, marcando bobeira e vagando sem rumo pelas quebradas do mundaréu. Era um agoniado. Um triste. Mas, antes de tudo, um disfarçado, que se escondia muito bem através de uma expressão serena e de um sorriso ingênuo.

Mas nenhuma e bronca carregam os batuques do samba. E' do nego ficá com's patuá de fé e de valia entortado como os naípe desse bruto que recebeu os ensinamentos na base gringa. Seu taco era na base do Marcuse, Grotoviski, Museu de Louvre; e isso era bom, claro. O ruim era que o garotão não se ligava nas transas do seu país. Largo da Banana, os porões do Bexiga, Rua Direita tudo estranho para ele até que cismou de conhecer os trechos diferentes de cangaceiro e caatinga. E virou patriota pois já tinha metido as botucas na Europa e achado esta uma decadência, os Estados Unidos meio abestalhado... e começou a comer feijão e escutar samba. Mas embatucou logo de saída. TV, só filme de cowboy; cinema; nenhum filme brasileiro, então foi prá boates. Primeiro as do centro da cidade. Aí, conheceu um criouléu da pesada e foi levado a uma escola de samba. Vidrou. Gamou. E ficou freguês. Vía a cabrochada e gritava: — é isso aí bicho, é isso aí. Mas como tinha grana caíram de grupo prá cima dele.

Diretoria, relações-públicas, discursos inflamados... e aí que se embananou... De macumba nem se diga. Como o Valdo Galinheiro... na barra do Catimbó, onde até o

mais sadio está bichado, pro nego ser considerado doente é preciso estar muito mal com Deus. E aí, já viu. Não há doutor que dê jeito e caldo de galinha não se apresenta. E o Valdo era o dos que estava em melhor situação no reduto. Comia todo o dia o seu franguinho! Até que a patota começou a procurar galinha preta. E o Valdo teve de sair pro batente. Afanou galinha de tudo quanto era cor e, nas encolhas, pintou todas elas de preto. Até que o povão descobriu... e o vagau começou a dar pinote com's babaalôs...

Mas para encerrar, e o amor? Quem pode explicar as transas do destino? Mas o que pesa na balança e o que quero contar é que os olhos do tabaréu bateram nos da cabrochinha e, nesse rápido olhar, estava a decisão. E essa cabrochinha ficou logo querendo aquele tabaréu. Mas era tão nova. Quase uma criança. E não sabia direito querer. E o tabaréu... era um tabaréu tão purão, quase trouxe, e não se dava conta dos macetes. E no fogo da paixão, se deu inteiro pra cabrochinha. Se deu com fúria. E perdeu a razão. A cabrochinha, que não sabia querer, sabia menos ainda receber. E se assustou com aquele amor tão mal entregue, tão desesperado, como se estivesse contido há séculos. E chorou. E ficou amando aquele homem. Mas, isso era pouco pro tabaréu. Ele amava a cabrochinha e queria despejar nela todo o seu amor. Não pôde, porque ela não queria receber.

Então, ele despejou cinco balas de revolver nela. E, em prantos, deu um tiro na própria cabeça.

Assim termina a história. Tão bestamente ou estúpida quanto todo o seu enredo. Mas assim como esta, todas as outras contadas, nenhuma tem enredo — racional. E por isso podem ser elas repetidas no Rio, São Paulo; na Bahia ou Curitiba. Tanto faz a localização geográfica. No México, Venezuela, Paraguai são elas irmãs desconhecidas; larvas contaminadas que lambuzam com seus odores e excretos os beirões da nossa sociedade. Uma sociedade americanizada, tanto por esses restos catequizados nas orações das multinacionais, como pelos indígenas engaiolados (do alto Amazonas ou dos fundões Matogrossenses) que tão bem contrabandeiam no francês ou no inglês. E de quem é a culpa? Nossos soldados guardam nossas fronteiras; as 200 milhas protegem nossos litorais. Mas os granfas ainda continuam bebendo o whisky estrangeiro, as estantes dos nossos supermercados ainda continuam exibindo seus produtos importados e neurotizando os tecelões subnutridos e impossibilitados. E de quem é a culpa? Eu acho que no presente está-se fazendo o possível. Mas alguém têm a culpa, não? Bem, eu creio que é dos portugueses — malditos portugas — que durante 50 anos deixaram que levassem todo o nosso ouro... dos vikings... não, dos fenícios... porque não se interessaram por nossas selvagens naquela época?

(MARIA ODETE ONÓRIO OLSEN)



ASSINATURAS — Cr\$ 30,00 anuais
JORNAL "O ACADEMICO"
C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua Nº

C E P

Cidade Estado

III Encontro de Autores Catarinenses

Seja qual for a importancia e objetivo de um encontro de autores, à parte os interesses que movem os seus participantes, seu resultado sera sempre válido. Pois algo se fez ou se tentou fazer pela literatura catarinense.

Portanto, partamos de encontro a Lages ou mais precisamente, ao 3º Encontro de Autores Catarinenses à realizar-se nesta cidade nos dias 10, 11 e 12 de Setembro de 1976, tendo como patrocinadores:

A Prefeitura do Município de Lages, A Editora e Livraria Lunardelli, o Departamento de Educação e Cultura do Município, o Conselho Municipal de Cultura, a Associação de Autores Catarinenses e a Academia Lageana de Letras.

A solenidade de abertura realizar-se-á na Biblioteca Pública Municipal de Lages, às 20 horas do dia 10 de setembro, sendo que nesta ocasião haverá uma Noite de Autógrafos, concedida pelos seguintes autores: Theobaldo Costa Jamundá com seu livro Catarinensismos; Liberato M. Pinheiro Neto e a obra Prefeitura, Comunidade e Educação; Enéas Athanázio, com O Azul da Montanha; Holdemar Menezes e A Coleira de Peggy; Lindolfo Bell com Incorporação; Alcides Buss e sua obra Ahsim e, finalizando, Ma. de Lourdes Ramos Krieger, Comunicação e Exp. Através do Conto e Crônica.

Como prosseguimento a solenidade de abertura, teremos ainda os seguintes eventos:

Exposição de Pintores Lageanos, conferência sobre o tema "Lages e sua Tradição Literária" a ser proferida pelo Dr. Wilson Vidal Antunes, apresentação dos alunos da Sociedade Lageana e um filme sobre a cidade de Lages.

Dia 11 de setembro, sábado, um extenso programa, consistindo em sua maioria de conferências visando a situação do autor catarinense, aguardará o visitante deste encontro. Não faltará também o já tradicional almoço de confraternização.

Como inovação, convém salientar o pedido da Biblioteca Pública Municipal de Lages que, no intuito de formar uma estante de autores catarinenses, estará recebendo com os protestos da mais elevada estima e consideração, o seu livro, autor catarinense.

Nem só de traças vivem os livros...

"Ler é viver". Dir-se-ia uma expressão mágica. Não mágica num caráter contemplativo. Na forma grandiloquente e subjetivista da publicidade. Mas, na forma caracterizada pelo objetivismo. Pela realidade. Pela explosão de sentido cultural. E principalmente pela grande repercussão que terá entre a população brasileira no sentido de incentivá-la ao hábito da leitura.

Sim, o brasileiro lê muito pouco. E partindo deste fato, o ministro Ney Braga, da Educação e Cultura, lançou no auditório do MEC, em Brasília, esta campanha — "Ler é viver". Possui como patrocinador o Grupo Unibanco.

Existem inúmeras razões para justificar uma campanha como essa. Numa pesquisa realizada pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, verificou-se que em 80 por cento dos municípios brasileiros os principais colégios secundários não promovem nem desenvolvem atividades culturais, seja por escassez de tempo, falta de preparo ou interesse dos alunos, falta de material ou instalações, como também e infelizmente, por falta de interesse da administração e docência desses estabelecimentos.

Outrossim, convém destacar que também algumas das nossas Universidades se enquadram nesse grupo. Resultante dessas falhas do ensino secundário, por si ainda altamente deficiente, pois como o próprio termo, antecipa o movimento da queda, símbolo neste caso do bloqueio do ser, bloqueio do aluno enquanto ser e bloqueio do jovem enquanto "homo significans", ou seja, o estudante brasileiro é em sua maioria um acomodado. Os idealizadores da campanha "Ler é viver" consideram, em primeiro lugar, que o índice de leitura é um dos indicadores mais característicos do "status" cultural de uma sociedade.

Repito, comparada a de outras nações, nossa posição nesse sentido, é bem inferior. O brasileiro de um modo geral lê muito pouco.

Portanto, os objetivos dessa campanha que terá seu encerramento previsto para março de 1977, são, aumentar o índice de leitura em nosso País, revelar e premiar valores jovens e inéditos para a literatura brasileira e instituir o maior concurso literário do Brasil, com 300 mil cruzeiros de prêmios.

Além disso, as agências do Unibanco, que conta com o apoio de duas grandes empresas de comunicação, receberão e distribuirão, gratuitamente, 300 livros de literatura brasileira e mais 100 mil dos trabalhos que vierem a ser premiados no "Concurso Literário Unibanco", enfeitados num só livro.

"Ler é viver" terá o apoio do Ministério da Educação e Cultura e do Instituto Nacional do Livro, devendo ser divulgado, em âmbito nacional, pela televisão e publicação em revistas.

Esperamos, apenas, que "Ler é viver" se faça então com valores outros, acima dos puramente especulativos. Outros valores que se desdobrem uns após outros, conscientizando, ou melhor, solidificando gestos em fatos.

(F.R.)

Mini Mercado

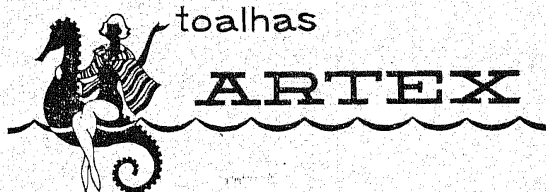
Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464 (em frente ao Banco do

Brasil) — Fone, 22-0230

BLUMENAU — SANTA CATARINA

ENTREGA A DOMICILIO



toalhas

ARTEX

A moda em toalha

Blumenau - SC



O ACADEMICO

LIVROS

Na Livraria Universitária

ANTÔNIO EDUARDO
MACEDO SOARES DE PAULA LEITE

Introdução

ao

Direito

Tributário Brasileiro

— IMANUEL KANT:

“Direito é o conjunto das condições segundo as quais o arbítrio de cada um pode coexistir com o arbítrio dos outros, de acordo com uma lei geral de liberdade”.

Carlos Mouchet e Ricardo Zorraquín Becú:

“... é um ordenamento estabelecido pela sociedade e destinado a governar e dirigir os atos dos homens em suas relações com os outros”.

Volpicelli:

“E' certamente uma organização social, mas não o mesmo corpo social em sua relatividade empírica e material, embora em sua forma ideal e normatividade”.

Como compêndio didático trata-se de um livro dos mais recomendáveis para fiscais em geral, alunos de Direito, Economia, Administração e Ciências Contábeis.

EDITORA VOZES — Cr\$ 30,00.

EDIÇÃO DIDÁTICA
comentada e adaptada por
VICENTE ATAIDE:

José de Alencar
SENHORA

— ... Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

... Como acreditar que a natureza houvesse traçado as linhas tão puras e límpidas daquele perfil para quebrar-lhes a harmonia com o riso de uma pungente ironia?

Os olhos grandes e rasgados, Deus não os aveludaria com a mais inefável ternura, se os destinasse para vibrar chispas de escárnio.

Para que a perfeição estatutária do talhe de sílfide, se em vez de arfar ao suave influxo do amor, ele devia ser agitado pelos assomos do desprezo?

A riqueza da análise alencariana repousa, entre outros argumentos, no fato de lhe faltar um preconceito antecipado sobre a conduta do ser humano. O escritor deixa suas criaturas diante dos fatos, para que reajam e sejam do modo que pretendam ou consigam ser. Desse modo, longe de se comportar como um modelador de criaturas ficcionais preconcebidas, Alencar torna-se um redescobridor da vida naquilo que ela tem de rico, complexo, contraditório e fecundo.

EDITORA MCGRAW — Hilda Brasil, LTDA. —
— Cr\$ 22,00.

Livraria Universitária

Rua XV de Novembro, 340, 2º andar, conj. 201, edif.
Londrina — Cx. Postal, 503
BLUMENAU — SANTA CATARINA

Filial em Florianópolis (SC): Rua Visconde de Ouro Preto, nr. 57, sobreloja 4, edif. Visc. de Ouro Preto.

Editora Ática

CUMA—JOAO

Jair Vitória

— São oito contos regionalistas do Triângulo Mineiro, com ilustrações de Cássio Loredano e primoroso tratamento gráfico-visual, cuidados anteriormente negados a autores novos.

O autor é mineiro, professor de inglês pela USP e tem 33 anos. Marisa P. Lajolo, na apresentação do livro, diz sobre CUMA—JOAO: — “Há em quase todos os seus contos uma indistarcável simpatia pelos oprimidos, o que sugere conhecimento dolorido das situações que fornecem matéria-prima para seus contos. É um nunca acabar de ternura pelos pequenos injustiçados, que transbordando surpreende e renova o leitor, hoje em dia habituado a uma literatura árida, formalista, lúcida acima de tudo. — Cr\$ 25,00.

Açougue das Almas

Abel Silva — Ilustrado por Elifas Andreato, são contos urbanos que têm como matéria-prima a angústia e os conflitos do homem moderno, confinado nas grandes cidades. O autor tem 33 anos, é de Cabo Frio, e leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi editor de cultura do Seminário Opinião e um dos editores da revista Anima.

Diz Antônio Houaiss: Há aqui uma ânsia, triste talvez ou mais precisamente atristada, de vida, mas vida quase sempre dilapidada nos entreversos e atritos do convívio, nessas fricções personalíssimas de interesses e direções e aspirações, em que a luta pela sobrevivência faz de cada mísero um solitário, quando não um lobo solitário capaz até de lutar contra todos os outros lobos e lobas, solitários todos. Lobo come lobo, sim, pelo menos nesta ordem dita humana. Mas com que tristeza, já que essa não é a dieta vocativa dos tristes solitários, mesmo feitos lobos. — Cr\$ 25,00

Recuerdos do futuro

Sérgio Machado — É o seu primeiro livro. Jornalista, 28 anos, carioca. Traz em seu livro indelével a marca da originalidade, abrindo uma nova perspectiva para a nossa ficção. Fragmenta e projeta o tempo de uma maneira absolutamente nova, insólida às vezes, enquanto sua temática é desenvolvida numa estrutura de linguagem totalmente livre.

Como diz Imara Reis, sua apresentadora “... é de suma importância notar que estamos em contato com um novo e original contista dos mais respeitáveis nos usos e abusos que faz da nossa língua (ou Fala?)”. A edição é ilustrada por vários dos melhores artistas gráficos do país, transformando-a numa expressiva amostra das diversas tendências da ilustração brasileira de hoje. São eles: Alcy, Antônio Robson da Silva, Cássio Loredano, Chico Caruso, Elifas Andreato, Haroldo Rodrigues, Jayme Leão, Laércio D'Angelo, Luiz Gê, Milton Rodrigues Alves e Paulo Caruso. —

— Cr\$ 25,00. —

EDITORA ÁTICA

RUA BARÃO DE IGUAPE, 110

CAIXA POSTAL, 8656 — SÃO PAULO